

Para além da colonização alemã: territórios negros da cidade de Taquara/RS

Eduarda Farias da Silva

Dieila dos Santos Nunes

Resumo

Este artigo, recorte de uma pesquisa mais ampla, estuda os territórios negros em Taquara/RS, compreendidos como espaços de resistência, identidade e sociabilidade onde comunidades afrodescendentes construíram vínculos materiais e simbólicos. O objetivo deste estudo é apresentar o conceito de territórios negros e identificar estes locais no município: o Quilombo do Paredão, a Vila África e os clubes sociais negros. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, a fim de evidenciar como esses locais emergiram como respostas à exclusão estrutural, sendo invisibilizados pela narrativa oficial. Conclui-se, a partir das análises empreendidas com base na bibliografia existente sobre o tema, que é urgente reconhecê-los como parte da história do município, possibilitando um reconhecimento desse grupo e destes locais como formadores da identidade e parte integrante da historiografia do município de Taquara/RS.

Palavras-chave | Clubes Negros; Quilombo do Paredão; Taquara; territórios negros; Vila África.

Classificação JEL | N96 O15 Z13

Beyond German colonisation: Black neighbourhoods in the city of Taquara/RS

Abstract

This article, an excerpt from a broader study, examines Black territories in Taquara/RS, understood as spaces of resistance, identity and social interaction where communities of African descent have forged material and symbolic bonds. The aim of this study is to present the concept of Black territories and identify these locations within the municipality: Quilombo do Paredão, Vila África and Black social clubs. This is a bibliographic study with a qualitative approach, seeking to highlight how these places emerged as responses to structural exclusion, whilst being rendered invisible by the official narrative. It is concluded, based on the analyses undertaken using the existing literature on the subject, that it is urgent to recognise them as part

of the municipality's history, thereby enabling the recognition of this group and these places as shapers of identity and an integral part of the historiography of the municipality of Taquara/RS.

Keywords | Black Clubs; Black neighbourhoods; Quilombo do Paredão; Taquara; Vila África.

JEL Classification | N96 O15 Z13

Más allá de la colonización alemana: territorios negros de la ciudad de Taquara/RS

Resumen

Este artículo, que forma parte de una investigación más amplia, estudia los territorios negros en Taquara/RS, entendidos como espacios de resistencia, identidad y sociabilidad en los que las comunidades afrodescendientes han forjado vínculos materiales y simbólicos. El objetivo de este estudio es presentar el concepto de territorios negros e identificar estos lugares en el municipio: el Quilombo do Paredão, la Vila África y los clubes sociales negros. Se trata de una investigación bibliográfica con un enfoque cualitativo, con el fin de poner de manifiesto cómo estos lugares surgieron como respuesta a la exclusión estructural, quedando invisibilizados por la narrativa oficial. A partir de los análisis realizados sobre la base de la bibliografía existente sobre el tema, se concluye que es urgente reconocerlos como parte de la historia del municipio, lo que permite el reconocimiento de este grupo y de estos lugares como formadores de identidad y parte integrante de la historiografía del municipio de Taquara/RS.

Palabras clave | Clubes negros; Quilombo do Paredão; Taquara; territorios negros; Vila África.

Clasificación JEL | N96 O15 Z13

Introdução

A história do município de Taquara/RS, localizado na região do Vale do Paranhana a menos de 100 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, integrando a Região Metropolitana, como a de muitos municípios brasileiros, foi tradicionalmente narrada a partir da perspectiva da colonização europeia, silenciando o papel fundamental das populações afrodescendentes em sua formação, como aponta Gevehr, Corrêa e Facio (2021) e Bardoni (2016). Este artigo, que parte de um projeto maior, busca colaborar com os escritos historiográficos que visam preencher a lacuna deixada por uma perspectiva eurocêntrica da formação do Vale do Paranhana ao identificar os territórios negros no município de Taquara/RS.

O objetivo desta pesquisa foi apresentar o conceito de territórios negros e identificar estes locais no município: o Quilombo do Paredão, a Vila África e os clubes sociais negros. Nesse sentido, partindo do conceito de território e espaço proposto por

Raffestin (2011) e Haesbaert (2010), unido ao conceito de territórios negros abordado a partir da perspectiva de Vieira (2021), Leite (1991) e Rolnik (1989), o estudo propõe os três espaços supracitados que podem ser considerados manifestações desses territórios negros. Para compreender a trajetória desses locais utilizamos como base pesquisas desenvolvidas no âmbito regional por Bardoni (2016), Gevehr, Corrêa e Facio (2021), Ramos e Smaniotto (2014), Azevedo (2010), Lopes (2020), Ramos e Araújo (2020) e Gevehr e Santellano (2018).

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica, para refletir sobre como esses territórios desafiaram a invisibilização imposta por uma elite local que se autodefine pela identidade germânica. Além disso, esta investigação intenta demonstrar que sua existência confronta não estritamente o racismo estrutural, mas também a "amnésia oficial" explicitada por Bardoni (2016) que naturaliza hierarquias raciais na memória urbana. Ao apontar essas territorialidades, o artigo tem como intuito contribuir para uma historiografia crítica, que reconheça os afrodescendentes como agentes ativos na construção e no desenvolvimento do município de Taquara/RS.

Este artigo está estruturado em cinco seções. Após a introdução, apresentada na primeira seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Na terceira seção, são mobilizados os pressupostos teóricos que fundamentam as reflexões desenvolvidas ao longo do estudo. Em seguida, apresentam-se os resultados e a discussão, culminando, por fim, nas considerações finais.

Metodologia

Este artigo é um recorte de um projeto maior que está sendo desenvolvido nas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT pelas pesquisadoras, no decorrer de 2025. Adota, portanto, uma abordagem qualitativa, combinando métodos descritivos e exploratórios. Prodanov e Freitas (2013) afirmam que a pesquisa descritiva se caracteriza pelo registro e análise dos fatos observados, com o objetivo de descrever as particularidades de uma população, fenômeno ou a relação entre variáveis. Já a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, servindo como base para investigações mais aprofundadas.

Logo, o estudo piloto mescla tais abordagens ao apresentar o conceito de territórios negros de forma contextualizada, considerando suas dimensões históricas, sociais e culturais, sem interferir nos fenômenos observados, como aponta Prodanov e Freitas (2013). Antes disso, a pesquisa de revisão bibliográfica foi fundamental para revisar fontes primárias, como livros, artigos e teses, que abordem como tema os territórios negros dentro e fora do estado do Rio Grande do Sul e estudos de história regional. Para compreender o conceito de território negros, tornou-se necessário

distinguir previamente os conceitos de território e espaço, recorrendo às contribuições de Raffestin (2011) e Haesbaert (2010), autores considerados fundamentais para a compreensão e a construção dessas definições.

No que se refere ao território negro, buscou-se sustentação nas ideias de Vieira (2021), Leite (1991) e Rolnik (1989), procurando articular autores fundamentais sobre esse conceito com pesquisas mais recentes que vêm ganhando espaço e destaque no debate. Por fim, os estudos regionais como os de Bardoni (2016), Gevehr, Corrêa e Facio (2021), Ramos e Smaniotto (2014), Azevedo (2010), Lopes (2020), Ramos e Araújo (2020) e Gevehr e Santellano (2018), contribuíram para a compreensão da história do município de Taquara/RS em si, bem como do modo como esses territórios são percebidos pela historiografia local.

Nesta pesquisa, adotou-se o método dialético, definido por Prodanov e Freitas (2013) como uma abordagem que permite uma compreensão dinâmica e abrangente da realidade, partindo do princípio de que os fenômenos sociais não podem ser analisados de forma isolada, mas em articulação com seus contextos políticos, econômicos, culturais e históricos. Essa perspectiva foi basilar para a análise das contradições presentes na memória oficial, que privilegia a colonização alemã em detrimento da visibilidade dos territórios negros. A dialética também se mostrou adequada para compreender esses territórios como espaços de resistência e de apropriação simbólica.

Territórios negros

Para compreender o conceito de territórios negros é preciso inicialmente entender o conceito de território, Raffestin (2011) destaca a importância de distinguir os conceitos de espaço e território, enfatizando que são termos não equivalentes, apesar de serem ocasionalmente utilizados de forma intercambiável. O espaço precede o território e representa o campo de possibilidades no qual atores podem projetar suas intenções, configurando um programa ou projeto com metas a serem alcançadas por meio de ações. O território surge a partir desse espaço, resultando de ações conduzidas por atores que implementam um programa com objetivos em diversos níveis.

A apropriação do território pode ocorrer de duas maneiras principais: para dominação, em que o espaço é visto como posse e propriedade; como apropriação simbólica, relacionada ao vínculo emocional e simbólico com o espaço. A apropriação dos territórios é múltipla e complexa, gerando, assim, multiterritorialidades que se desdobram desde a dominação política e econômica até a apropriação subjetiva e cultural-simbólica.

Nesse contexto, os territórios negros emergem como espaços de afirmação identitária, resistência e sociabilidade, marcados por práticas culturais e relações

comunitárias específicas (Vieira, 2021). A compreensão do grupo negro neste estudo segue a perspectiva da mesma autora, que abrange suas múltiplas tonalidades - de pardos a pretos - oriundos tanto de famílias negras quanto de relacionamentos interracializados. Consideram-se negros, neste contexto, aqueles que apresentam características fenotípicas associadas à afrodescendência.

Leite (1991) ressalta que tais territórios não se limitam à resistência política, mas abrangem formas complexas de apropriação, podendo ser classificados em: territórios residenciais: locais de habitação e subsistência coletiva (ex.: quilombos); territórios interacionais: espaços de sociabilidade não fixos, como clubes, terreiros e praças, onde se desenvolvem práticas culturais (rodas de samba, bailes, religiões de matriz africana).

Presentes nos mais diversos espaços da sociedade existem locais característicos da população negra, seja pela concentração de negros residentes, pelo uso frequente para o trabalho ou para a realização de práticas culturais. Esses espaços acabaram marcados na memória da cidade como territórios negros, devido à concentração de negros e ao seu uso singular e frequente. Nesse contexto, tais práticas configuram-se com o que se denomina territorialidades. Quando associadas à presença negra e a elementos da cultura negra, são chamadas de territorialidades negras - como, por exemplo, rodas de samba, carnaval, batuque, saraus de poesia negra etc. (Vieira, 2021).

Esses territórios negros se apresentam como espaço necessário à sobrevivência e sociabilidade desse grupo, como espaços de resistência no interior da sociedade branca racista (Leite, 1991). Contudo, o autor salienta que reduzir os territórios negros a partir da ótica de resistência como forma de defesa organizada numa situação de conflito, de tensão étnica e social e principalmente como suporte sob o qual se assentam atitudes coletivas de enfrentamento, reduz a complexidade das formas de apropriação dos espaços por esses grupos, simplificando situações complexas.

Para além de espaço físico e apenas funcional, como analisa Vieira (2021), homens e mulheres negros imprimiam nesses locais práticas sociais específicas, construindo laços de pertença e estabeleciam conexões com instituições comunitárias. Ato aparentemente simples, como dar nomes ou marcar espaços em um mapa, constituem formas de criar territórios, é preciso compreender que o espaço está sujeito a relações de poder que o moldam, expressando-se na forma de territórios que podem ser observados e cartografados. Essa construção simbólica contrasta radicalmente com sua ausência nas narrativas oficiais no município de Taquara, como afirma Bardoni (2016), resultando na invisibilização progressiva desses territórios historicamente ocupados.

A pesquisa de Freitas (2019) evidencia a expressiva presença africana e afrodescendente na formação histórica da cidade de Taquara/RS. O estudo identificou, por meio da análise de inventários post-mortem, a existência de 767

africanos e afrodescendentes escravizados na região - entre homens, mulheres e crianças, revelando a dimensão da presença negra no contexto local. O sistema escravista na região caracterizava-se por pequenas escravarias, com média de cinco cativos por proprietário, sendo a maior delas pertencente a José Martins Pires, em 1882. Essa configuração difere do modelo das grandes plantations, mas não diminuiu a importância da mão de obra escrava na formação socioeconômica local.

Figura 1 – Localização de Taquara no Rio Grande do Sul



Fonte: Wikipédia Commons/ Raphael Lorenzeto de Abreu (2006).

Rolnik (1989) destaca que a própria senzala, concebida pelos senhores como espaço de confinamento e controle, foi ressignificada, contra a vontade dos opressores, como um território negro. Nesses locais de reclusão, floresceu uma resistência silenciosa: laços de solidariedade e estratégias de preservação cultural transformaram um grupo de indivíduos, unidos apenas por sua ancestralidade africana, em uma verdadeira comunidade. O pátio da senzala, símbolo extremo da segregação, converteu-se, paradoxalmente, em terreiro - espaço de celebração e de manutenção das tradições. Assim, o terreiro emergiu como elemento central na constituição dos territórios negros urbanos, originando espaços de samba, candomblé, jongo e outras expressões culturais que passaram a compor a paisagem das cidades brasileiras.

A narrativa histórica existente em Taquara marginaliza completamente o papel fundamental da população negra escravizada que já habitava a região antes da chegada dos imigrantes europeus. Esses trabalhadores africanos e afrodescendentes foram responsáveis por atividades essenciais como a agricultura, pecuária e construção das primeiras estruturas físicas da região (Bardoni, 2016).

Esse cenário evidencia a presença de africanos e afrodescendentes desde os primórdios da formação territorial de Taquara. Essas pessoas não desaparecem da paisagem urbana; ao contrário, deslocam-se e reorganizam-se dentro do espaço, dando origem aos chamados territórios negros. A reflexão de Hall (2011) contribui para compreendermos como o caso taquarense ilustra o caráter historicamente situado e não neutro dos processos identitários, pois, ao privilegiar as contribuições de imigrantes europeus e silenciar o legado afrodescendente, a memória oficial da cidade reproduz estruturas de poder que naturalizam hierarquias raciais e consolidam desigualdades simbólicas.

Não há vias, monumentos ou placas que homenageiam personalidades negras relevantes para a história local, evidenciando um apagamento sistemático destes grupos na paisagem simbólica da cidade (Bardoni, 2016). Para evitar ou reduzir a ocorrência desses fenômenos, é necessário depurar memórias, revisitar o passado e refazer a construção de suas narrativas, considerando os espaços vazios do discurso e as possíveis motivações para o silenciamento (Gevehr, Corrêa e Facio, 2021). A seguir, serão apresentados brevemente alguns desses territórios presentes tanto na área urbana quanto na área rural do município de Taquara.

O Quilombo, a Vila África e os clubes

Localizada no Distrito da Fazenda Fialho, na Zona Rural do município, a Comunidade Remanescente Quilombola do Paredão Baixo, a região foi gradualmente ocupada por descendentes de pessoas escravizadas. O nome "Paredão" vem do terreno íngreme onde os quilombolas se estabeleceram, próximo à divisa com Gravataí. Acredita-se que o quilombo surgiu logo após a abolição, quando pessoas escravizadas da antiga Fazenda Fialho fugiram para evitar a recaptura; contudo, não são muitos os registros da história do Quilombo Paredão Baixo (Ramos; Smaniotto, 2014).

Figura 2 – Quilombo do Paredão em Taquara/RS



Fonte: Incra/RS (2022).

Em 2022 a comunidade do Quilombo do Paredão era composta por 89 famílias descendentes de trabalhadores negros que se estabeleceram na região desde o século XIX como mão de obra escravizada para a produção agrícola, sobretudo a produção da farinha de mandioca. Hoje, os habitantes dedicam-se principalmente à agricultura de subsistência, à criação de gado e ao cultivo de cana-de-açúcar (Incra, 2022).

Com o processo de urbanização, como afirma Azevedo (2010), alguns desses ex-escravizados continuaram trabalhando para os seus senhores, ao mesmo tempo em que buscavam novos espaços para garantir a própria subsistência. Ao migrar para a zona urbana, encontravam na força braçal uma forma de sobrevivência. O autor complementa que diante da necessidade de ter um lugar para morar o negro para a constituir suas moradias em lugares pouco requisitados para a sociedade da época. Assim, surgiu em Taquara a "Vila África", que era constituída pela Rua Pinheiro Machado e Miguel Bauer - antiga Travessa Bauermann.

Lopes (2020) aponta a existência de três espaços chamados Vila África, os quais foram reorganizados pelos próprios moradores em decorrência da construção da ERS-115, nos anos 1960, sendo uma rodovia que liga Taquara aos municípios de Canela e Gramado. A primeira Vila África remonta ao período anterior à década de 1960, associada à chegada de trabalhadores ferroviários; já a segunda (localizada na rua Pinheiro Machado) e a terceira (na rua Miguel Bauer) surgiram em áreas próximas, para onde os residentes se mudaram após as desapropriações causadas pelas obras viárias.

Figura 3 – Família de Otilia F. de Lima, moradora da Vila África, anos 1920



Fonte: Acervo de História Regional do curso de História da FACCAT.

Conforme análise de Gevehr, Corrêa e Facio (2021), o período entre as décadas de 1950 e 1970 foi marcado por intensa segregação racial em Taquara, com espaços sociais e eventos restritos à população branca. Bardoni (2016) exemplifica que funcionavam na cidade durante este período a Sociedade Atiradores, Clube dos Ferroviário - com frequentadores da classe mais baixa - o Clube 5 de Maio - destinado à classe média de descendência Germânica - e o Clube Comercial - destinado a elite de alto poder aquisitivo.

A primeira organização documentada foi a Sociedade 13 de Maio, fundada em abril de 1908 na área que hoje corresponde a Parobé (Ramos e Araújo, 2020). Uma segunda sociedade homônima foi estabelecida no centro de Taquara em 1918, conforme Gevehr, Corrêa e Facio (2021), as duas entidades funcionaram como coirmãs até 1930, quando se fundiram, apesar da dissolução formal da agremiação, como registram Ramos e Araújo (2020), manteve-se a tradição dos bailes em seu salão, que se tornou conhecido como "Salão do Figueira".

Em 1948, surgiu a Sociedade Recreativa União da Mocidade, popularmente chamada de "Sociedade dos Morenos", como aponta Ramos e Araújo (2020) e em 1956 foi fundada a Sociedade Recreativa Flor do Sul como aponta os estudos de Gevehr, Corrêa e Facio (2021) e Ramos e Araújo (2020), popularmente conhecida como Salão da Dona Palmira, que se tornou um espaço fundamental de sociabilidade e afirmação cultural da população negra em Taquara.

Por meio de relatos dos frequentadores podemos afirmar que esses clubes representavam importantes pontos de referência para a juventude negra, funcionando como locais de convivência onde podiam socializar entre pares, longe das tensões raciais presentes em outros espaços da cidade (Bardoni, 2016). Esses ambientes configuram-se como "territórios negros", nos quais se desenvolveram relações comunitárias específicas e um *ethos* cultural singular, construindo um estilo de vida.

Figura 4 – Folia de carnaval no Salão Flor do Sul, anos 1960



Fonte: Fonte: Acervo Família Souza *apud* Bardoni (2016).

Vale ressaltar que os territórios negros, como aponta Rolnik (1989), nunca foram espaços exclusivamente de convivência de pessoas negras. Desde o período colonial, eles coexistiram com outros grupos marginalizados nas cidades, como as pessoas pobres. No entanto, isso não apaga o fato de que existiram, e ainda existem, comunidades afro-brasileiras com forte identidade coletiva, que moldaram e continuam a moldar territórios próprios, carregados de história e significado.

Resultados e discussões

A revisão bibliográfica aqui utilizada teve como método de busca artigos com a temática condizente com o objetivo proposto, principalmente a partir do indexador “territórios negros”. Além disso, foram consultados estudos de história regional que abordassem, por meio de diferentes descritores, como “Quilombo do Paredão”, “Vila África” e “clubes negros”, a realidade do município de Taquara/RS. Outro

critério adotado foi a temporalidade das publicações, com prioridade para estudos mais recentes. A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com o resumo dos artigos encontrados na pesquisa.

Quadro 1 – Artigos encontrados para análise

Título do Artigo	Autor(es)	Ano	Principais conclusões
Quilombos e quilombolas: a trajetória de resistência e luta na comunidade remanescente do Paredão Baixo em Taquara/RS	Ramos e Smaniotto	2014	Tem como objetivo documentar a história de resistência da comunidade quilombola Paredão Baixo em Taquara/RS. Conclui que a comunidade enfrentou desafios para manter suas terras e tradições, destacando a importância da luta por direitos quilombolas, evidência também a falta de pesquisas sobre o local que gera uma lacuna historiográfica.
Flor do Sul e a amnésia cultural: um clube de negros, uma geração e o esquecimento - Taquara/RS - 1975/2014	Bardoni	2016	O artigo aponta que o Clube Flor do Sul teve um papel fundamental na resistência cultural negra, mas foi marginalizado na memória coletiva, refletindo um apagamento histórico, apontado pela autora como uma amnésia cultural.
A “Vila África” na perspectiva de mulheres negras: território, racialização e memória em Taquara (RS) (Da década 1960 ao tempo presente)	Lopes	2020	Busca analisar a memória da Vila África, comunidade negra em Taquara/RS, a partir das narrativas de mulheres negras. Demonstra que a Vila África foi um espaço de resistência negra, mas seu apagamento histórico reflete processos de racialização e marginalização.
Origens do Carnaval em Taquara	Ramos e Araujo	2020	Investiga as origens do carnaval em Taquara a partir dos clubes sociais da cidade, incluindo a participação da população negra e seus clubes. Evidencia que o Carnaval em Taquara tem influência afro-brasileira, e a participação dos clubes negros no carnaval.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A partir desta revisão bibliográfica, foi possível compreender que os territórios negros em Taquara - o Quilombo Paredão Baixo, a Vila África e os clubes sociais -

revelam padrões comuns de formação e desenvolvimento. Em primeiro lugar, todos surgiram como respostas a contextos de exclusão e segregação, seja no período pós-abolição (no caso do quilombo), seja durante o processo de urbanização (no caso da Vila África e dos clubes). Em segundo lugar, todos desenvolveram formas específicas de organização comunitária e práticas culturais que reforçam os laços identitários. Por fim, todos enfrentaram processos de invisibilização na historiografia local e não são reconhecidos por grande parte da comunidade.

Essa análise permite compreender como os territórios negros em Taquara representam muito mais que simples espaços físicos - são, antes de tudo, expressões concretas de resistência cultural e afirmação identitária. Nesses territórios, a comunidade negra desenvolveu não apenas estratégias de sobrevivência, mas todo um universo simbólico e relacional que marcou profundamente sua experiência na região.

Assim, sua reconstituição histórica se faz essencial tanto para resgatar uma memória apagada quanto para compreender as dinâmicas sociais e espaciais que continuam a moldar a cidade hoje. É importante ressaltar que os espaços aqui citados são apenas fragmentos desses territórios; há muitos outros territórios negros no município que carecem de reconhecimento, pesquisa e registro, como os locais de práticas religiosas africanas.

Considerações finais

Esta pesquisa, recorte de um estudo maior, teve como objetivo apresentar e refletir sobre o conceito de territórios negros, aqui compreendidos como espaços de resistência, identidade e sociabilidade, nos quais comunidades afrodescendentes constroem vínculos materiais e simbólicos (Leite, 1991; Vieira, 2021). Buscou-se, ainda, identificar locais no município de Taquara/RS que se enquadram nessa categoria. Foram analisados três eixos principais: o Quilombo Paredão Baixo, como território residencial; a Vila África, como ocupação urbana de caráter residencial; e os clubes sociais negros, Salão da Figueira, Sociedade Recreativa União da Mocidade e Sociedade Recreativa Flor do Sul, enquanto espaços interacionais de afirmação cultural.

Os achados desta pesquisa reforçam a tese de que os territórios negros emergiram como respostas à exclusão estrutural. Conforme destacam Gevehr e Santellano (2018), o preconceito racial no Rio Grande do Sul, enraizado em uma narrativa histórica eurocêntrica, contribuiu para a invisibilização da presença negra, marginalizando sua história e suas contribuições. A elite local, autodefinida pela identidade germânica (Gevehr, Corrêa e Fácio, 2021), perpetuou uma memória seletiva que omitiu o papel dos afrodescendentes na construção do município. O surgimento desses territórios pode ser compreendido como uma resposta à exclusão

desse grupo da sociedade, que enfrentaram o racismo por intermédio desses locais, tornando-se "lugares de memória" (Nora, 1993) contra a amnésia oficial.

Como aponta Bardoni (2016), memórias dolorosas são frequentemente suprimidas por incomodarem as estruturas de poder. A historiografia taquarense, ao privilegiar uma narrativa branca e colonizadora, silenciou as contribuições negras, reforçando estereótipos que associam os afrodescendentes ao atraso. Para reverter esse cenário, é essencial documentar, valorizar e proteger esses espaços – não como meros vestígios do passado, mas como fundamentos de uma identidade plural.

Cabe destacar que a análise do conjunto de artigos selecionados evidenciou a escassez de estudos voltados aos territórios negros no contexto específico de Taquara/RS, o que reforça a relevância e a originalidade desta investigação. A limitada produção acadêmica sobre o tema demonstra uma lacuna no campo dos estudos regionais e das relações étnico-raciais, assim como o silenciamento histórico que ainda persiste em torno da presença negra no sul do Brasil.

A luta por visibilidade é, também, uma luta pelo direito à memória. Afinal, como afirmam Gevehr, Corrêa e Fácio (2021), apenas uma história que inclua as vozes silenciadas pode ser verdadeiramente fidedigna. Este estudo, portanto, não se encerra aqui: ele é um convite à reflexão sobre como Taquara pode ressignificar sua história por meio desses territórios, contribuindo para o desenvolvimento desses lugares, de suas histórias e de suas identidades.

Referências

AZEVEDO, M. A. **Conhecendo, registrando e preservando a cultura musical do negro no município de Taquara-RS (1888-1940)**. 2010. 71p.

BARDONI, E. E. A. Flor do Sul e a amnésia cultural: um clube de negros, uma geração e o esquecimento (Taquara/RS - 1975/2014). **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, 2016, v.41, p.03-15. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2468>. Acesso em: 27 nov. 2024.

GEVEHR, D. L.; CORRÊA, D. S.; FÁCIO, M. J. Em terras de alemães também tem festa de negros: a luta pelo reconhecimento do patrimônio imaterial (Taquara, RS). **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, [S. l.], 18(1), p. 258-274, 2021. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1060>. Acesso em: 17 maio. 2025.

GEVEHR, D. L.; SANTELLANO, G. C. Memórias, registros biográficos e percursos de vida: os afrodescendentes no Vale do Paranhana (RS/Brasil). **Revista Licencia&acturas**, Ivoti, v. 6, n. 1, p. 104–112, 2018. Disponível em: <https://old.licenciaeacturas.com.br/index.php/licenciaeacturas/article/view/144>. Acesso em: 19 maio. 2025.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>. Acesso em: 25 maio 2025.

HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (Incra). **Edital oficializa território quilombola no Rio Grande do Sul**. Brasília, DF: Incra, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/edital-oficializa-territorio-quilombola-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 29 maio. 2025.

LOPES, T. N. A “VILA ÁFRICA” NA PERSPECTIVA DE MULHERES NEGRAS: TERRITÓRIO, RACIALIZAÇÃO E MEMÓRIA EM TAQUARA (RS) (Da década 1960 ao tempo presente). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 139 p. 2020. Disponível em: [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220590#:~:text=de%20suas%20refer%C3%A0ncias.-,A%20Vila%20%C3%81frica%20existiu%20na%20d%C3%A9cada%20de%201960%20se%20configurando,ERS%2D115%20na%20regi%C3%A3o%2C%20precisou](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220590#:~:text=de%20suas%20refer%C3%A0ncias.-,A%20Vila%20%C3%81frica%20existiu%20na%20d%C3%A9cada%20de%201960%20se%20configurando,ERS%2D115%20na%20regi%C3%A3o%2C%20precisou.). Acesso em: 28 maio. 2025.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993, v. 10. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo:

Feevale, 2013. Disponível em:

<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>.

Acesso em: 25 maio 2025.

RAFFESTIN, C. O que é território? In: RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 2011, p. 128-46.

RAMOS, A. R.; SMANIOTTO, E. Quilombos e quilombolas: a trajetória de resistência e luta na comunidade remanescente do Paredão Baixo em Taquara/RS. **Universo Acadêmico**, Taquara, v. 7, n. 1, p. 216-230, jan./dez. 2014. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/12_quilombos.pdf. Acesso em: 28 maio. 2025.

RAMOS, Jéssica. ARAUJO, Júlio Bartzen de. **Origens do carnaval em Taquara**. Taquara, 2020.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf>. Acesso em: 29 maio. 2025.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. São Paulo: Hucitec, 2021.

Data de submissão: 15/08/2025

Data de aprovação: 03/01/2026

Revisão: sob a responsabilidade das autoras (português, inglês e espanhol).

Eduarda Farias da Silva

Movimento: Curadoria e Projetos Culturais

Rua Pedro Blos, 622 – Bairro Centro

95650-000 Igrejinha/RS, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6945-6237>

E-mail: eduardafarias@sou.faccat.br.

Dieila dos Santos Nunes

Faculdades Integradas de Taquara / Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional

Avenida Oscar Martins Rangel, 4500 – Bairro Fogão Gaúcho

95612-150 Taquara/RS, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5349-5244>

E-mail: dieiladossantos@gmail.com